

[DRAMATURGIA]

NEGO DRAMA

Carlos Alberto Mendonça Filho

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**



Máquina de Escrever
editora | produção cultural

NEGO DRAMA

A Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural foi selecionada pelo Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias – OUTRAS PALAVRAS N.º 011/2023 – da Secretaria de Estado da Cultura, para a publicação de 13 obras literárias premiadas no Edital de Concurso 005/2020 – Outras Palavras.

Coordenação e Edição:

**Victor Augustus Graciotto Silva
Juliana Cristina Reinhardt**

Diagramação:

Rafael Ferrer Kloss

Assistente de diagramação:

Clara Reinhardt Silva

Revisão:

Elys Faria Bittencourt

Revisão textual da capa:

Bárbara Franco Justi

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados internacionais de catalogação na publicação

C213 Canarin, Carlos
Nego drama / Carlos Canarin (nome artístico de Carlos Alberto Mendonça Filho).
___ Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.
82 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-84-1

1. Negros na Arte. 2. Negros na Literatura. 3. Racismo.
I. Mendonça Filho, Carlos Alberto (nome artístico: Carlos Canarin).
II. Título.

CDD: 305.896

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



Máquina de Escrever

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil
Fone: (41) 98406-1935
contato@editoramaquinadeescrever.com.br
editoramaquinadeescrever.com.br



NEGO DRAMA

Carlos Alberto Mendonça Filho

Curitiba 2025



Sumário

Dramaturgia 1: Valongo Express.....	7
Personagens.....	7
Prólogo.....	8
Embarque forçado.....	9
Aceleração.....	14
Turbulência.....	21
Desgoverno.....	27
Descarrego.....	30
Dramaturgia 2: “Memórias Duma Baobá”	31
Personagens.....	31
Dramaturgia 3: “FomeTropikal”.....	41
Personagens.....	41
O banquete.....	41
A ópera.....	45
O banquete, parte II.....	47
A ópera, parte II.....	52
A ópera dos banquetes.....	56
Dramaturgia 4: “Maldito Seja Canaã”	65
Personagens.....	65
I. Gênese.....	65
II. Salmos.....	74
III. Apocalipse.....	78

Dramaturgia 1: Valongo Express

Personagens:

Barueiri
Dona Terezinha
Orlandinho
Jordana
Pedro Olavo
Emerson Willar
Babalu
Acabate

Um metrô de uma metrópole brasileira. Assentos desgastados, letreiros luminosos, propagandas cegantes, mapas para orientação, paisagens sonoras explosivas e divergentes, velocidades que aumentam e diminuem conforme as tensões invisíveis perduram pelo tempo. O público mistura-se entre os passageiros; faces e histórias que vão e vêm na viagem espiralar do Valongo Express. Trajetórias cruzam-se e afetam-se em encruzilhadas temporais e espaciais. Estão em cena somente o vendedor ambulante Barueiri e seu cachorro Acabate.

Prólogo

Barueiri: Olha crônica! Olha crônica! Ôhhhh, moça, ôhhh, moço.

Pro senhor, bozó ou doutor, O que quiser, a gente tem. Se faz o mal, se faz o bem, Para o cliente, o que é que tem?

Sou o rei-rei da ziqzira, hit periférico aqui na pira. Encomenda a gente tira: engatilha, aponta e mira.

A vontade de poder, pra comprar, pra vestir, pra ostentar; pra comer, trepar, matar; pra rezar, doar e amar.

Pouco importa se lá ou cá.

Eu tô aqui, e eu tô lá. Mal e bem, indiferente.

Vem, também, que tem repente. Na batalha, quem me aguenta?

Rhythm And Poetry De poema, te entupo os ouvidos.

No arzim, deslavado; do ardil, mancomunado. Ninguém vai notar o babado.

Ziriri zarara, confusão. Debaixo da noz, cadê o feijão?

Demônio varrido ou anjo escondido?

Nas linhas formadas, cruzando as palavras, as dicas bem-dadas, quero ver quem mate a charada. Cruciverbalismo na encruzilhada.

Olha os hóme, mané! Vem pra cá, sai pra lá. Rei caído, rei caído!

Ôh, mundo, ôh Brasil, ôh, má sorte! Tô varrido!

Embarque forçado

Dona Terezinha volta sua atenção para o seu celular, Orlandinho conversa com seu pai e Barueiri anda pelo trem com seu carrinho, oferecendo suas bugigangas e comidas aos passageiros-pessoagens e passageiros-plateia.

Barueiri: — Olha o salgadinho, refri bem gelado, gominha pra mascar, cachacinha da boa! Hein doutor, bora levar um doce pro seu menino?

Dona Terezinha: — Luiz, você tá me ouvindo? Ähn? Não consigo te entender.

Orlandinho: *carrega um boneco a quem ele chama de pai* — Pai, pai, presta atenção. Cuida, que se não a gente se perde.

Dona Terezinha: — A ligação tá ruim. A-LIGAÇÃO-TÁ-RU. Agora melhorou. Ui que voz rouca cê tá, hein? Culpa desse cigarro! Tá, anda, fala.

Orlandinho: — A mamãe falou que são duas estações depois da praça. Será que a gente vai chegar atrasado? Começa às duas-e-vinte-e-sete, hein.

Dona Terezinha: — Sim, tô levando, passei na padaria antes de chegar na estação. Comprei 4, duas pra você, uma pra mim e outra a gente guarda pra mais tarde.

Barueiri: — Acabate, tá sentindo esse cheiro? Que que isso? Foi tu rapá?

Dona Terezinha: — Sim, só isso. Chega, para, você sabe que minha diabetes tá atacada, guri.

Orlandinho: — A consulta não era às três? A mamãe vai ficar uma fera, se prepara.

Dona Terezinha: — Luiz, você me respeita que eu ainda não morri. Você quer que eu grite neste metrô? Porque eu não tô nem aí.

Orlandinho: — O seu nariz tá entupido? Mas de novo, pai? Cê tá sempre doente, nunca vi disso!

Barueiri: — Isso é cheiro de perfume doce. E importado lá do Paraguai, sacou?

Dona Terezinha: — Guri, trata de tomar vergonha nessa tua cara, põe uma roupa e...

Orlandinho: — O senhor é que tá precisando ir no médico. Credo, mó calorão, cê não tá? Eu tô com sede.

Dona Terezinha: — Não tem querer, Luiz Eduardo dos Santos Almeida Júnior. Eu tô falando, se eu chegar em casa e te encontrar aí...

Barueiri: — Sabia que o Paraguai já foi um grande país? O meu tio, Richardicley, tinha uma casa lá. Era bem bonitona. Mas faz teeeempo sabe, ele ainda tava vivo.

Dona Terezinha: — Eu vou te falar Luiz, não sei a quem tu puxou. Na verdade sei sim, teu pai era igual a ti. Imprestável do mesmo jeito.

Orlandinho: — Pai, eu tô com sede, ouviu?

Barueiri: — Era o bixo, a gente ia pra lá e curtia muito. Principalmente no verão. O tio Cley tinha uma moto daquelas turbinadas, levava a gente pra cima e pra baixo.

Orlandinho: — Sede pai, se-de!

Dona Terezinha: — Isso, pode falar, xinga mais tua mãe. Isso mesmo, sou uma bruxa sim. Muahahaha. Bruxa que põe comida na mesa e te sustenta. Mas agora acabou Luiz, a-ca-bou.

Orlandinho: — Tô. Com. Sedee!

Barueiri: — É, mas infelizmente ele acabou batendo as botas, *murió*. Como disse a mulher que ele casou: ¡Tio Cley *murió*!

Dona Terezinha: — Não acredito que esse safado fez isso, desligou na minha cara. Isso que dá, isso que dá. Confiar em filho e nada é a mesma coisa!

Orlandinho: — A mamãe mandou só o suco detox que ela começou a tomar, disse que é bom pro intestino funcionar direito. Se pronuncia DETOX, pai!

Barueiri: — Foi mó triste, tá ligado? Tio Cley não foi o primeiro nem o último. Disseram que ele tava envolvido com coisa pesada. Mas eu vô te falá, meu parça, não acredito. Ele era inocente, foi assassinado sim!

Orlandinho: — Ela disse que vai laranja, couve, menta, rúcula, ovo e coentro. Bate tudo e serve gelado.

Dona Terezinha: — Mas credo, que odor!

Barueiri: — Fedor a dona quis dizer, né? Não bastasse perfume doce, agora esse futum.

Orlandinho: — Fecha pai, anda. Joga fora logo esse troço. Contaminou todo o trem.

Dona Terezinha: — O senhor por acaso tem algum problema com perfume doce?

Barueiri: — Não dona, a senhora me perdoe, foi o Acabate que disse. Ele fica meio enjoado, ele é sensível.

Dona Terezinha: — Abacate? Não tô vendo fruta nenhuma?!

Barueiri: — A-ca-ba-te. O meu cachorro verdin!

Orlandinho: — A escola? Ah, tá tudo bem. Não não, isso tudo é invenção daquela professora. Ela não gosta de mim, já disse.

Dona Terezinha: — Cruz-credo! Pra que fazer isso com o pobre animal?

Orlandinho: — Eu não tô nem aí. Pelo menos a mamãe acredita em mim.

Barueiri: — Elenasceu assim dona: cão brasileiro-brasileiro, prata patriota, *Greendog*.

Orlandinho: — Ô seu moço, por favor, me vê um refri!

Barueiri: — Mazé claro. Tem coca, tubaína, fresh, cloroquina... Qual cê quer?

Dona Terezinha: -Sabe que meu filho Luiz nunca gostou de fruta nem de verdura? Só de doce, bala e rapadura. As crianças de hoje em dia são diferentes, né?

Orlandinho: — Me vê uma coca mesmo.

Barueiri: — Prontinho. 4 pila.

Dona Terezinha: — No meu tempo a gente tomava ovo de manhã cedo. Comia tudo, nada de frescura: fígado, músculo, coração...

Barueiri: — É as modernidade, né, dona. Não tem como evitar, o mundo mudou. E a gente tem que mudar com ele, né?

Orlandinho: — Eca, esse troço tá quente. Pode tomar, pai.

Barueiri: — Senão a gente fica pra trás, morre sem nada e ainda sozinho.

Dona Terezinha: — Talvez eu gostasse de ser sozinha, sabe seu ambulante.

Orlandinho: — Ô pai, cê vai mesmo me levar pro parque no findy?

Dona Terezinha: — É muita coisa, ter que trabalhar, cuidar de filho sozinho, cuidar da gente, pensar em tudo. Sempre foi assim, minha mãe era assim. Eu confesso: não queria ser igual ela.

Orlandinho: — Eu vou cobrar, hein, pai. Viu, mas me diz uma coisa, por que você foi embora lá de casa? O que cê fez?

Barueiri: — São as escolha, né, dona? Tudo é escolha, você querendo ou não. Minha mãe queria que eu fosse médico ou doutor engravatado. Mas eu não quis, não pude. É muita coisa isso, isso de ser “alguma coisa”. Não é pra mim não.

Orlandinho: — Anda pai, responde!

Dona Terezinha: — É verdade, seu ambulante, pior que é verdade!

Orlandinho: — Por que você nos deixou e agora voltou como se nada tivesse acontecido? Por que a mamãe chora baixinho todos os dias na cozinha pra eu não ouvir? Responde! Por que você tem esse cheiro esquisito? Por quê, pai?

Barueiri: — ...

Dona Terezinha: — ...

Orlandinho: — É... Já não adianta mais, pai.

Dança das cadeiras. Orlandinho é quem perde. Não há comoção alguma, ninguém o impede. Ele se levanta, abre a porta mais próxima do metrô, joga o boneco a quem ele chama de pai para fora e se joga em seguida. As cores, o metrô e o mundo se modificam; regressões temporais. A porta se fecha, a viagem continua.

Aceleração

Barueiri: — Olha a capinha pro seu celular, minha senhora! Olha o carregador-turbo! Só coisa importada minha gente, coisa fina! Carregador de última geração, vindo lá das China, tá ligado? Made in China, tudo na promoção, rola aquele descontinho massa se for à vista!!!

Jordana: — Desculpe estar incomodando a viagem de vocês. Mas vim até aqui hoje para trazer a mensagem do salvador, nosso senhor Jesus Cristo. Glória Deus e aleluia!

Dona Terezinha: — Ainda bem. Fale, por favor, pois não estou ok.

Pedro Olavo: — Amém irmã, amém! Por favor, preencha nossos ouvidos com sua palavra!

Barueiri: — Vish Acabate, hora do culto. Fecha os ouvido!

Jordana: — Eu vou pedir que, por favor, todos fechem seus olhos. E que pensem em todas as coisas ruins que assolam nossas vidas, nos pecados que cometemos dia a dia. O diabo vem pra nos atentar, pra nos destruir! A maçã de Eva pode ser deliciosa, pode ser saborosa, mas é fruto de Satanás!

Barueiri: — Faz tempo que não compro maçã procê, né, Acabate? Mó caro também, virô fruta de gringo. Culpa da inflação que dizem, né?

Jordana: — E se cometemos tantos erros não somos merecedores do Paraíso, meus irmãos!

Pedro Olavo: *falando ao telefone* — Ô seu jamanta, agora eu não posso falar, tô no meio de um culto. É, culto, aqui neste metrô imundo. Pra não dar muita bandeira tive que me sujeitar a essa humilhação e andar com pobre. Cala essa boca, fala baixo senão toda a gente de quinta categoria ouve.

Dona Terezinha: — Amém, minha irmã! Digo isso pro meu filho Luiz a todo momento e ele não ouve.

Pedro Olavo: — Sim seu idiota, o dinheiro já tá na conta, caiu ontem. Agora vê se repassa isso pro senador, que ele tá esperando. O nome dele? Tu já esqueceu?

Jordana: — Qual o seu nome, minha irmã?

Pedro Olavo: — Serginho. Senador Sérgio da Silva Moraes, capeta!

Dona Terezinha: — É Tereza. Terezinha.

Pedro Olavo: — É um paspalho mesmo. Confere direito os dados dele e não esquece de fazer o que foi combinado. Cuida dessas coisas que os tiras estão de olho. O eleitorado? Dane-se o eleitorado, eles vão votar em mim de qualquer jeito, tá tudo no esquema.

Jordana: — Glória Deus e aleluia. Vou convidar a todos para que rezemos juntos uma oração para o filho da nossa irmã Tereza. Vamos juntos?

Os passageiros fiéis do trem iniciam um Pai Nosso em uníssono, comandados por Jordana. Algumas vozes dentro do trem destacam-se.

Pedro Olavo: — Eu tenho estilo, eu falo bem, meu cheiro é bom, fiz o famoso cursinho de oratória, sou o preferido. Eu sei tudo o que o povo quer ouvir. Dane-se toda essa boiada que só se importa com política quando o seu tá na reta.

Dona Terezinha: — Amém, meu Pai, me ajuda a pôr o Luiz no caminho certo. Me permita esse milagre. Faça com que esta tua filha tenha pelo menos alguma alegria na vida.

Pedro Olavo: — A campanha? Diz que eu vou mandar matar bandido e corrupto, que as pessoas de bem vão ser valorizadas, que a gente vai mandar demolir esses prédios do tempo da

vovózinha que estão caindo aos pedaços. E que vamos botar toda essa gente que mora na rua numa cadeia. Chega de sujeira nas nossas calçadas! Que morram todos!

Barueiri: — Eles rezam prum tal de Jesus, Acabate. Veja só, ele era branco loiro, tinha os zóio azul tipo *Brad Pitt*. Nas igreja e nos templo tem um monte de foto dele, selfies de quinhentos mil anos... *birdmaria*.

Jordana: — Glória Deus e aleluia. Tão sentindo? Isso foi Deus se manifestando em nós! Seu filho vai se curar, minha irmã! Vai se endireitar, acredite!

Pedro Olavo: — E daí? E eu com isso?

Dona Terezinha: — Ai, já me sinto bem melhor, mais aliviada. Que energia, que energia!

Pedro Olavo: — Eu já disse e repito: direitos humanos só pra humanos direitos!

Jordana: — Deus só ouve quem acredita em vosso poder!

Pedro Olavo: — Tá, imbecil, eu vou desligar que daqui a pouco tô chegando no gabinete, vê se não esculhamba tudo até eu chegar.

Jordana: — Agora eu gostaria de pedir uma contribuição, uma ajuda, meus irmãos. Qualquer valor já basta.

Barueiri: — Mas dinheiro pra quê, dona? Deus que é Deus já num nasce rico?

Jordana: — Nada disso. Nosso senhor Jesus nasceu pobre em sua manjedoura, lá em Belém.

Barueiri: — Aham, pobre igual aquele carinha ali.

Pedro Olavo: — Está falando de mim, meu caro senhor ambulante?

Dona Terezinha: — Toma aqui, não é muita coisa mas acho que já ajuda, pois vem do coração.

Barueiri: — Vish, eu só verbalizei. Quem pensou foi o Acabate

Jordana: — Obrigado irmã, que Deus te abençoe. Glória Deus e aleluia!

Pedro Olavo: — Você por acaso sabe com quem está falando?

Barueiri: — Ué, com gente. Tô errado?

Babalu: — Pera aí, não é aquele deputado que tava com o rosto estampado no jornal de ontem?

Pedro Olavo: — Seu besta! Meu nome é...

Dona Terezinha: — Pedro Olavo?

Pedro Olavo: — O próprio, muito prazer!

Jordana: — Sai desse corpo que não te pertence!

Dona Terezinha: — Ladrão! Corrupto! É muita cara de pau mesmo estar andando de metrô depois de ter sido acusado de roubar milhões e milhões de dinheiro público! Ah, e de ter mandado matar gente e traficar droga!!!

Pedro Olavo: — Você deve estar me confundindo, minha senhora.

Barueiri: — Ah, então é você o cara que mandou botar fogo no assentamento mês passado?

Jordana: — Mas errado não tava, né, meu irmão? Aquele povo era porco e cultuava o Satanás. Foi Deus que criou o fogo para purificar e perdoar aquela gente, glória Deus e aleluia!

Babalu: — Normal, né, gente? Tanta gente morre todo dia...

Barueiri: — O quê, dona? Cê tá dizendo que todo o pessoal morreu? A senhora não tem coração? Os barraco tudo destruído,

criança chorando, o inferno na terra! Tem gente com fome, tem gente sem casa, tem gente sem vida, dona.

Pedro Olavo: — Eu não tive nada a ver com essa tal situação, foi tudo ação popular. Somente faço o que o povo pede.

Barueiri: — O povo nesse caso é gente que tem dinheiro, né? Gente que tem casa, que tem emprego, que consegue viver bem. Pobre não tem direito nenhum pra vocês, pobre não existe, pobre tem é que pagar por ter nascido assim.

Jordana: — Veja bem, meu irmão vendedor, estamos falando de uma coisa natural, mas também espiritual. Quem nasce bom, merece viver bem. Já quem nasce virado...

Pedro Olavo: — Ninguém desvira, já dizia o ditado...

Dona Terezinha: — Que ditado?

Pedro Olavo: — ...

Babalu: — Torta de climão... Alguém quer comprar uma rifa pra ajudar na minha formatura?

Barueiri: — Vocês são tudo é doido. Onde já se viu! A gente tá aqui é pra se ajudar, não pra desmerecer ou matar as pessoa por isso ou aquilo. Tá tudo errado, e começa com esta sua beca aí.

Dona Terezinha: — Aquilo foi um verdadeiro massacre! Umas 200 pessoas morreram! Credo, lembro como se fosse ontem. Foi tanto grito e fumaça que era impossível dormir. E isso tudo foi culpa sua, deputado! Assassino! Assassino!

Barueiri: — Justiça a gente não vai ter. Mas quem sabe se fizermos pelas nossa mão mesmo...

Pedro Olavo: *sacando uma arma e apontando para as pessoas* — Isso já é demais. Quer saber? Eu estou no poder, fui eleito e aclamado pelo povo, e vou sentar a minha bunda naquela cadeira por muito mais tempo! Você pode ficar aí reclamando,

xingando, fazendo o diabo a quatro que eu não ligo pra coisíssima nenhuma. Meus eleitores são pessoas de bem, são para esses que eu trabalho. Se eu mandei pôr fogo em assentamento de sem teto foi porque essa gente tava ocupando lugar que não devia, usufruindo de um terreno do governo! Você e essa gente deviam é procurar um emprego, tá chovendo vaga de gente querendo fazer caridade. Esse é o meu humilde conselho.

Jordana: — Glória Deus e aleluia! Por isso que teve meu voto!

Babalu: — Não, não! Pedro seu nome, né? Seu Pedro, por favor, não atira! Eu sou muito jovem, quero ser modelo, não posso tomar um tiro agora!

Dona Terezinha: — Mas é muita cara de pau mesmo. Ladrão! Corrupto! Sem-vergonha! E aquele esquema envolvendo você e o tráfico de drogas, seu safado?

Barueiri: — Cê tá doido? Abaixa essa arma, cara! Tu é figura pública, tem que dar o mínimo do exemplo!

Pedro Olavo: — Exemplo? Eu não tenho nada a ver com isso! Isso é tudo invenção de vocês, povinho mixuruca, querendo me desmoralizar. Vocês mancham a minha imagem com essas acusações sem fundamento algum. Querem falar? Pois tenham provas, meus queridos. Até lá, vou ficar usufruindo do dinheiro público SIM e AI de quem falar alguma coisa.

Dona Terezinha: — E agora pra completar você quer o quê? Matar todo mundo nesse metrô só por estarmos apontando teus podres, seu safado? Mata, mata então! Pode atirar! Atira bem aqui ó! Quero ver se você tem palavra!

Babalu: — Não gente! Bora resolver tudo na calma, na conversa! Hello, isso daqui é século XXI, não estamos no faroeste nem no Oriente Médio, bora dialogar, meus querides!

Jordana: — Cruzes! Vamos todos, por favor, exercer a calma e a paz do nosso senhor Jesus Cristo!

Barueiri: *tocando latinhas no deputado* — Chega, seu doido, cabou pra você. Atirar você não vai, manchar a mão de sangue é muito pro seu cacife, num é?

Babalu: — #QUEREMOSAPAZMUNDIAL
#INTERVENÇÃOMILITARJÁ! #BARRACONOTREM.

Dona Terezinha: — Esse mundo tá é perdido! Mas se depender de mim você vai ser é enxotado daqui e vai ser agora!

Jordana: — A pomba branca da paz meus irmãos! Lembrem-se dela!!

Barueiri: — Tô contigo, dona! Acabou procê, seu diabo. Acabate, 3, 2, 1!

Dança das cadeiras. Quem perde é Pedro Olavo. Ninguém o impede, pelo contrário, todos o ajudam. Antes de sair, ele dispara contra os passageiros, acertando a bíblia de Jordana e o peito do repórter Emerson Willar, que desaba. O deputado Pedro Olavo abre a porta do metrô e se joga como se fosse mergulhar numa profunda piscina repleta de dinheiro. Emerson cospe sangue e perde suas forças aos poucos, embora consiga falar sem muito esforço. As cores, o metrô e o mundo se modificam; regressões temporais. A porta se fecha, a viagem continua.

Turbulência

Dona Terezinha: — NNNNNNNN **Barueiri:** — ÃÃÃÃÃÃÃÃ

Babalu: — OOOOOOOO

Jordana: — Valha-me Deus!

Barueiri: — Eita nós.

Emerson Willar: — Socorro!

Jordana: — A minha bíblia! Não, não pode ser! Eu comprei ela não faz quinze dias. E agora? Como eu vou fazer a salvação das almas?

Babalu: *começa a filmar o acontecimento* — Babalus amadinhxs e queridinhxs da mamãe, olhem isso! Um homem desconhecido acaba de ser baleado no metrô Valongo! Tá uma doideira isso aqui gente, o sangue quase chega a jorrar na gente, pesadíssimo, coisa de novela!!!

Jordana: — A minha bíblia!!!! Que horror! Por que ele fez isso?

Barueiri: — Ô Acabate, tenha modos rapá, para de lamber a ferida, faz favor?

Dona Terezinha: — Tem um homem ferido aqui. Acode aqui! Acode aqui!

Jordana: — Este alarme de Satanás não está funcionando! O que tá acontecendo neste lugar?

Emerson Willar: — Alguém me ajuda! Eu não posso morrer, não posso!

Dona Terezinha: — Maquinista, pelo amor de Deus, para este trem! Ele precisa de um médico!

Barueiri: — Eu tenho uma cachacinha de jambu aqui, cê gosta? Bebe, vai. Ah, e tenho um desses anti alguma coisa também.

Jordana: — Cuidado ao usar o nome Deus em vão, minha irmã.

Babalu: — E para piorar, o metrô continua em alta velocidade e sem sinal de parada! O maquinista não ouve a gente e isso aqui tá lotado!

Emerson Willar: — Eu preciso chegar hoje, preciso entregar o gravador, eu não posso morrer agora, não aqui. A minha filha, a minha filha só tem a mim!

Barueiri: — Calma ô moço, tamo tentando ajudar. Não fica com raiva do Acabate, ele tenta amenizar a dor com carinho. A lambida dele é milagrosa, viu.

Jordana: — Meu senhor Jesus, ajuda este nosso irmão que jaz aos poucos neste trem. Que ele tenha uma morte rápida e que não sofra em sua passagem, amém!

Barueiri: — Ô dona, faz favor, vê se consegue uns pano pelo trem. A gente vai ter que estancar este buraco rápido, antes que infeccione!

Dona Terezinha: — Meu filho, toma, come esse pãozinho doce. E bebe um pouco de água. A gente vai te ajudar viu, espera.

Babalu: — Gente, isso aqui tá babado! Faltou só a vodka pra dar um brilho! Olha a cor desse cachorro, que coisa mais fofa! Dá um beijinho, dá?!

Barueiri: — E este trem que não para... O maquinista tá surdo?
— *Barueiri tira algo de seu bolso e põe na boca de Emerson.*
— Toma, mastiga este negócio pra aguentar a dor. Vai por mim, que é nós. Tia, conseguiu os pano? Finalmente.

Emerson Willar: — Moço, moço. Qual é o seu nome?

Barueiri: — É Warlisson André da Silva. Mas o povo aqui do trem me conhece como Barueiri. Mas pode me chamar de Barú também, que é sucesso.

Emerson Willar: — Prazer, Barú. Meu nome é Emerson Willar, eu trabalho na TV, sou repórter da Cidade em Pauta.

Jordana: — Repórter? Por acaso gostaria de fazer uma entrevista comigo?

Emerson Willar: — Tava na cola desse maldito deputado Pedro Olavo pra tentar achar algum podre, acabei aqui neste metrô com um buraco no peito. Ô seu Nelson Rodrigues, se você estiver me ouvindo, obrigado pelo arco dramático.

Barueiri: — Cê entendeu o que ele quis dizer, Acabate? Porque eu não...

Jordana: — É que eu sempre quis ser famosa, sabe seu Willar. Meu sonho. A igreja não nos permite sabe, ter vícios e coisas desse tipo. Mas quando eu era pequena eu fantasiava tanta coisa...

Babalu: — Emerson Willar? Vocês lembram dele? Este cara já não tava morto, meus Babalus?

Dona Terezinha: — BenzaDeus meu filho, você é aquele moço da TV mesmo! Nossa, cê não envelheceu foi nada! Muito prazer. Olha, vou te contar, eu adorava aquele seu programa sobre astrologia. Sempre disse pro meu filho não se envolver com pessoas de áries ou de escorpião, pois é furada, né, como você bem falava.

Barueiri: — Ah, ainda bem, eu sou de leão. O Acabate já é taurino, eu acho...

Emerson Willar: — Mas o bom mesmo é libra, né, vocês devem lembrar — *entra num transe, como se voltasse a apresentar o programa STAROLÊ, na TV CIDADE* — Libra é o signo do charme, da elegância, de tudo aquilo que é fino. Eu, por exemplo,

como um bom libriano que sou, exalo o perfume dos Deuses. Caminho pelos ventos e conquisto corações a todo instante. Vem dar um match comigo, vem! — *Do transe-sonho para a vida real* — Tiraram o programa do ar quando descobriram meu casamento com o Albertinho, que fazia entrega de marmita lá pra TV. Aí me deram esse emprego como repórter investigativo, nada a ver, mas eu topei. A gente tinha que sustentar a nossa filha, né? Mas então o Albertinho morreu, foi atropelado na Av. Dutra quando tava entregando um frango com batata. Maldito frango com batata!

Dona Terezinha: — Meus pêsames. Que coisa mais feia. Eu pensei que essa emissora fosse tão pra frente, sempre achei as campanhas que eles faziam tão interessantes. Credo.

Babalu: — Nossa, que emissora mais homofóbica e intolerante! Isso é coisa do passado, né, convenhamos amadxs!!!! #TVCIDADECANCELADA!!! Bora subir a hashtag aí, meus amadxs!

Jordana: — Mas fizeram certo, aquele programa incitava o homossexualismo, né meus irmãos?

Barueiri: — Ô dona, fecha o bico, faz favor? Ô seu Emerson, não ligue tá. Esse é o problema de acreditar muito em alguma coisa, sabe. A pessoa fica igual boi, só sabe olhar pra o que ela vê, nada mais importa pra gente assim. E como é o nome da sua filha?

Emerson Willar: — É Cláudia, Claudinha.

Barueiri: — Mazolha, esse era o nome da minha mãe!

Emerson Willar: — Sério?

Barueiri: — Não. Na verdade era Claudete, mas é parecido, né?

Jordana: — Eu tenho uma irmã chamada Claudete!!!

Babalu: — Bastante vintage este nome, gostei!

Emerson Willar: — Escuta seu Barú, eu preciso entregar este gravador pra emissora, aqui tem toda a confissão do nojento do deputado Pedro Olavo de agora a pouco. Eu, eu preciso que você entregue isso pros meus chefes caso aconteça alguma coisa comigo. A vida da minha filha depende disso, Barú. Prometa, prometa que você vai me ajudar, por favor. Prometa, Barú!

Barueiri: — Ôh, mas é claro, meu bróder. Com certeza, levo sim. Só não sei se vão deixar eu mais Acabate entrarmos lá. Mas eu vou te ajudar, prometo. Cê não vai morrer não. O meu falecido Tio Cley já levou vários tiros desse, era pá pá pá pá... e demorou um tempo pra ele falecer, relaxa.

Jordana: — Você é idiota, por acaso?

Dona Terezinha: — Ô seu Barueiri, assim cê não ajuda muito viu. Quanta tristeza na sua vida, seu Willar!

Babalu: — O celular de vocês também tá sem sinal? Eu acho que provavelmente deve ser pela profundidade...

Barueiri: — Perdão seu Emerson, mas deu pra entender, né?

Emerson Willar: — Tudo bem Barú, tudo bem. Eu não sei se vou conseguir aguentar por mais tempo, mas o seu verdinho até que deu uma aliviada na dor. Minha filha ia adorar esse seu perrito, ela ama essa cor.

Barueiri: — Ei, cê tem que se manter consciente, falando com a gente, tá ligado?

Babalu: — Conexão instável? O meu plano de dados é ILIMITADO!

Barueiri: — Ô moça, eu tenho um plano bem massa aqui se tu estiver interessada, faço bem baratinho procê...

Jordana: — Tem alguma música que eu possa cantar pra você, meu irmão?

Dona Terezinha: — É, talvez uma música possa ajudar a te acalmar, meu querido.

Emerson Willar: — Eu gosto de qualquer uma dos anos 90, um clássico daqueles, vocês devem lembrar...

Transe-sonho novamente, número musical onde todos revelam figurinos da época das discotecas, começam a cantar e dançar. Paetês, brilho, coreografia. Música: "Can't take my eyes off you", de Gloria Gaynor. Fim do transe-sonho. Emerson entrega o gravador a Barueiri. Dança das cadeiras. Emerson Willar é quem perde. Ele abre a porta do metrô e se joga, como se estivesse voltando a apresentar o STAROLÊ. As cores, o metrô e o mundo se modificam; regressões temporais. A porta se fecha, a viagem continua.

Desgoverno

Jordana: — Coitada da minha bíblia. Viagem maldita, ninguém mandou eu entrar neste metrô hoje..

Babalu: — Ê, calma lá, pelo menos você tá viva. E se a bala tivesse te atingido?

Barueiri: — Ô seu maquinista, faz favor, deu de palhaçada, né. Este trem nunca vai parar?

Dona Terezinha: — Sinceramente, o que está acontecendo?

Jordana: — Isso tudo tá muito estranho... Eu já tinha que ter chegado na estação do templo...

Barueiri: — Coisa de filme lá dos gringo, ares de Kalunga. Alguma parada morreu lá fora.

Babalu: — A minha internet parou de funcionar. Tudo sem sinal.

Jordana: — A gente já deveria ter parado em três estações.

Barueiri: — Quê? Acabate, acho que embarcamos na estação errada.

Dona Terezinha: — Vai chover. Eu tô sentindo. Vai chover.

Babalu: — Como cê sabe?

Dona Terezinha: — A minha perna tá doendo. Vai cair chuva, vai chover.

Babalu: — Era pra eu descer na Central, já que fica perto daquela cafeteria maravilhosa lá do Le Soleil, já foram? É maravilhosa, recomendo!!

Dona Terezinha: — Ô minha nossa senhora, se tu estiver me ouvindo, vê se me faz um favor, nunca te pedi nada: faz chover ouro, ouro brilhante, ouro de ouro mesmo.

Estrondos lá fora: prédios caindo, terremotos em ação, planetas em fusão. Eles apenas ouvem tudo isso. Lá fora, tudo escuro. Suspensão.

Dona Terezinha: — Luiz já deve estar preocupado com toda essa demora. Eu espero.

Jordana: — É o arrebatamento, meus irmãos! Só pode ser! Os cavaleiros do apocalipse estão se aproximando!

Barueiri: — Se é que sobreviveu alguém lá fora. Este metrô já não é mais ele mesmo. Virô um navio.

Babalu: *descobre um botão vermelho misterioso* — Vocês viram isso aqui? O que será que é?

Jordana: — Não, não, cuidado!

Barueiri: — Não encosta, calma aí...

Dona Terezinha: — Vai tomar no...

Babalu aperta o botão misterioso que faz as janelas do metrô desabarem, oferecendo entrada a um vento furioso e à uma luz cegante.

Barueiri: — Osh, que doideira é esta?

Dona Terezinha: — Segura! Segura os pãezinhos doces!

Babalu: — Desliga isso, desliga!

Jordana: — A minha bíblia! Onde está a minha bíblia?

A luz consome os passageiros, fazendo-os entrar numa espécie de outra realidade em tempos-espacos outros, imaginados.

Babalu: — Eles estão vindo! Fica quieto, cala a boca. Esconde tudo, eles querem nos pegar. Vai, corre, eles não podem nos ver. Se eles botam a mão na gente, nunca mais você vai ver o céu. Você gosta do céu, não gosta?

Dona Terezinha: — Não, por favor, o Luiz não. Podem pegar tudo de mim, tirar tudo o que eu tenho, menos o meu filho. Ele nunca fez nada de errado pra ninguém. Deixa ele! Deixa!

Barueiri: — Tio Cley? É o senhor mesmo? Tio! Tio! Vem cá, não me deixa pra trás não. Eu não consigo mais andar. Me levanta, por favor! Não, não encosta ali. O chão tá virando mar, ele vai me engolir.

Jordana: — Eles cortaram ela toda! Arrastaram ela pela rua, ninguém fez nada, só olharam. Talvez tenham escrito algum repúdio sobre. Rasgaram seus papéis, seus documentos, tudo o que antes era Dela! São eles os culpados, não eu, não nós. Foram eles que criaram tudo isso!

A bíblia de Jordana começa a esfarelar. Dona Terezinha em transe. Babalu aperta novamente o botão misterioso, que fecha novamente as janelas do metrô e os protege da luz branca. Barueiri abre um salgadinho e começa a comer. Latidos de Acabate. Começa a chover um líquido branco dentro do metrô. Suspensão da linguagem-fala. Lapso temporal. Regresso. Antimemória. O líquido branco inunda o espaço cênico e penetra nos corpos com seu volume e densidade. Todos os passageiros, incluindo público e atores, ficam imersos dentro de um imenso aquário-redoma de um zoológico humano. A imagem do aquário é projetada fora do teatro para que transeuntes observem a cena.

Descarrego

Silêncio. O verde cachorro Acabate sozinho. As estrelas ainda brilham no céu da noite. A cena em sombras.

FIM

Dramaturgia 2: "Memórias Duma Baobá"

Personagens:

Atriz-Baobá
Senhora-Terra
Voz em Off

Há uma atriz em cena. A atriz é um baobá. O baobá se compõe no corpo dessa atriz. Ela está em silêncio. Ela permanece em silêncio enquanto nós nos achegamos. Ela sorri, talvez como um cumprimento. Ela termina de realizar os preparativos para a cena na frente do público. Ela nos aguarda.

Atriz-baobá:

cês podem ir se achegando que daqui
a pouco a gente começa, tá?

eu só quero pedir que, assim que vocês se
acomodarem, que vocês sejam bem sem-vergonha!
que vocês se sintam ainda mais, em casa.

se tiver um cafezinho, um biscoitinho aí por
perto, pega e traz pra gente conversar.

se não tiver algo meio pronto, tudo bem.
A gente faz de conta, tá certo?

ah, e se alguém quiser cantar uma música, fazer uma dança,
contar alguma coisa, tudo isso pode! tá tudo liberado!

que bom ter vocês aqui.

Voz em off:

A minha memória é sobre a minha vó.

Toda vez que eu penso na minha vó me vem o rostinho dela, perdi a minha vó há quase dez anos já...

Ela era mais uma mãe para mim.

Então toda vez que eu lembro dela eu me emociono...

É engraçado porque eu lembro do cheiro do cabelo dela, do cheiro da pele dela, eu lembro do cheiro do colo dela.

E lembro das musiquinhas que ela cantava pra mim quando eu era pequena. E depois que eu cresci, que tive filhos,

as mesmas musiquinhas que ela cantava para mim, ela cantava pros meus filhos. A música quase não tinha letra,

era mais um resmungado com uma melodia doce da voz dela. Então essa é a minha memória: minha vó, Dona Edite.

Me faz muita falta.

A atriz-baobá transforma-se numa Senhora. A Senhora também é Terra, dona de seu terreno. A Senhora-Terra colhe, tece histórias e memórias onde presente, passado e futuro misturam-se, bem como as mixagens espiralares ocorrem entre sonho e a realidade.

Senhora-Terra:

ué, ainda não botaram o café pra passar?

vocês me perdoe, a gente dessa casa às vezes é bem da mal-educada. mas costumam ser uns doce que só eles.

onde já se viu? trazem visita e não oferecem nada, malemal um copo d'água. vou te contar, pera que vou ali colocar, tá?

vocês tão há muito tempo esperando?

coisa que eu não gosto é esperar, por isso não saio tanto. gente é uma coisa enrolada, né?

me faz perder a paciência, aí me irrita e você já viu.

cês sabe que hoje eu tava me olhando no espelho, fazendo umas caras e bocas, e me lembrei da minha mãe. achei que eu era ela.

nossa, até tomei um susto, pense só, era ela ali na outra face. ela inteirinha, não tinha o que tirar nem o que pôr.

que coisa mais doida. cês já passaram por isso?

tô falando só pra quem tem mais idade assim como eu.

os mais novos eu só digo uma coisa: a hora docês há de chegar! escutem o que eu digo. não, porque hoje tá tudo liberado, né? mas a gente tem é que escutar mais. abrir os ouvidos.

A Senhora-Terra põe a água para esquentar e separa o pó de café enquanto conversa conosco.

Senhora-Terra:

ó tô com a barriga toda popa.

sabe que tem uma história, lá da festa de Santo Antônio... não, de São Benedito, isso.

tava lá toda mulherada andando na rua,

com os vestidos, as saias rodadas, a mulherada toda na... como que chama aquilo?

na procissão, isso,

a mulherada toda dançando e os homi tocando atrás, né?!

aquele **TON-TON-TOIN-TOIN-TOIN-TON-TOIN-TOIN**

e a mulherada toda dançando, rodando os vestidos,

de repente não é que desce um home cantando a música, e ele gritava **“QUANDO EU VIM DA BAHIA, ME ENCONTREI COM TIBÚRCIO, Ê TÁ, Ê TÁ”**.

a mulherada tudo correndo, tudo saindo de perto do home. ele tava falando do tibúrcio,

mas a gente não entendia o que ele tava falando.

DE TOIN TOIN DE TON TON TOIN-TOIN.

A Senhora-Terra serve um café: põe os pãezinhos na mesa, a manteiga, o melado, o café. Ela prepara a mesa enquanto fala.

Senhora-Terra:

esse negócio de um fio só...

povo diz, né, que ia ter a festa no céu,

aí a mãe tava doente, doente, doente, aí ela falou:

vai lá e avisa a minha fia Formiga que, que eu tô ruim, que é pra ela me mandar um remédio que eu tô ruim aqui. aí foram lá e avisaram a Formiga,

a Formiga falou: minha fia fala pra mãe que eu não posso ir, que eu tô aqui arrumando as coisa pra festa,

construindo aqui as coisa que têm que ser construída, não vô poder ir lá não. aí voltaram e avisaram a mãe,

a mãe falou: ôh meu Deus.

então vai lá e avisa a Cigarra que eu tô muito doente, que é pra ela mandar um remédio pra mim.

aí foram lá e avisaram a Cigarra, né,

chegaram lá e ela tava lá cantando, cantando, se preparando,

preparando a voz pra poder cantar. aí a Cigarra falou:

ó avise a mãe que eu não vou poder ir não,

que eu tô aqui ensaiando pra festa no Céu, tô aqui cantando com o pessoal, não vou poder ir lá não ajudar a mãe.

voltaram, avisaram a Mãe, a Mãe falou: minha nossa senhora, então vai lá fia, avise minha outra filha Abelha, fale pra Abelha que eu tô ruim aqui,

que eu precisava de um remédio e que eu preciso que ela me mande um remédio. foram lá, a Abelha tava preparando as comidas e os doces pra festa,

a Abelha parou na hora, foi lá, preparou um xarope com mel e mandou pra mãe. ói, é por isso que até hoje, pode ver,

a Formiga tudo que ela constrói alguém vai lá e pisa, né. a Cigarra vai lá e canta canta canta até pocar as costa, morre, morre depois de cantar.

a Abelha, de que ajudou a Mãe, tudo que ela toca, pode ver, floresce. onde ela toca a flor, ela sai espalhando as sementes.

e o mel é um remédio pra tudo.

ái é que tá minha fia, quem tem dez filho, tem um. quem tem um, não tem nenhum.

é o que eu te digo.

Voz em off:

eu perdi minha mãe faz oito anos, perdi meu filho faz seis. quando eu era adolescente a minha mãe reunia sempre a família, a minha mãe sempre gostou de uma família reunida, de gente, né? e eu me lembro bem que nós nos reuníamos,

e a minha mãe gostava de cantar, e às vezes a gente desafinava e ela batia as unhas, fazia a gente parar, e ela cantava:

“de noite eu ando a cidade a me procurar sem te encontrar”
e ela cantava muito bem, e eu fiquei me lembrando também,

de quando eu era bem pequena, devia ter uns cinco, seis anos, ela levantava muito cedo pra ir trabalhar, tava escuro ainda,

e ela me acordava e eu ficava deitada na cama enrolada nas cobertas, e ela colocando casaco, me lembro bem, ela tomava tabuada de mim.

3 vezes 7? 5 vezes 3? E foi assim que eu aprendi a tabuada. E nesse decorrer de lembrança, me lembrei do meu filho.

Eu trabalhava muito. Sabe que mulher preta tem que trabalhar muito sempre, né? Eu trabalhava muito muito muito,

e aos sábados eu pedia pro meu filho me passar as tarefas dele, né, o que ele fez na escola e tal,

e eu pedia pra ele ler porque eu já não aguentava mais de sono, e eu meio que dormindo, eu dizia pra ele ler pra mim, e ele lia,

de vez em quando eu acordava assustada: como é que é? não entendi! eu no quarto e ele na sala, e ele achando que eu tava prestando atenção, e assim meu filho me fez aprender,

minha mãe me fez aprender,

e isso aquece o coração da gente, né? alivia, conforta. a gente, que é mulher preta, a gente tem luta, né?

Ela coloca alguns biscoitos na boca, toma outros goles de seu café e lembra do gosto de uma fruta de sua infância. Ela encontra uma mala e traz até a mesa. A mala guarda roupas, documentos, memórias.

Senhora-Terra:

ah, nem contei procês:

eu desde pequena queria porque queria ir pra São Paulo, aí a Luizinha de Queiroz tinha vindo pra São Paulo,

e aí quando ela voltava, ela voltava usando uns conjuntos que na época a gente usava, assim combinando, sabe?

uma blusa combinando com a saia... tudo com as pernas cinzas cinzas, ela com uma meia-calça que brilhava assim, pensa:

na roça andando de meia-calça e sapatinho de salto?

mas a gente que era tudo abobada na roça, né, olhava e pensava: "ai quero ir pra São Paulo, quero ir pra São Paulo".

aí peguei e falei pra mamãe:

mamãe, eu quando fizer dezoito anos, eu vou-me embora pra São Paulo conseguir uma vida melhor. mamãe não acreditava, naquela época a gente quase não conversava também, né.

aí eu tinha um bode lá, que eu tinha ganhado de papai, e falei "eu vou pra São Paulo, mainha". peguei, vendi o bode, comprei um monte de roupa nova,

que na época a gente tinha que ir na cidade comprar essas roupas, que eu não ia chegar em São Paulo com esse fiapo de roupa, comprei as passagens de trem e entrei no trem e vim embora.

aí... peraí que eu já termino.

Ela desliga o fogão e traz mais água para seu café. A cozinha de sua casa transforma-se num vagão de trem.

Senhora-Terra:

quando Luizinha entrou no trem,

ela tinha um namoradinho lá que a gente não sabia que ele tava indo pra São Paulo também.

tava tudo armado e a gente não sabia, né.

aí ela não queria ficar naquele lugar que nós tava, não queria não queria. então tá, vamos passar pro outro vagão.

peguei minha mala com as minhas coisas e olha menina,

dentro da mala eu tinha colocado o tanto que sobrou do dinheiro do bode dentro de um catecismo que mamãe me deu.

no que eu fui passar pro outro vagão, olha se não é coisa, menina, a mala caiu da minha mão no trilho do trem.

eu perdi tudo o que eu tinha comprado, as coisas novas, as coisas tudo. a única coisa que me sobrou foi aquele catecismo com o dinheiro dentro. veja se não é coisa. e eu falava pra mamãe:

“eu vou pra São Paulo nem que seja pra morrer no caminho!”. não é coisa que a gente fala e que tem sentido?

eu não morri, mas cheguei em São Paulo sem nada de roupa,

sem uma peça, sem uma calcinha. o que me sobrou foi, graças a Deus, aquele catecismo com o dinheiro no meio.

olha, a gente tem que tomar cuidado com as coisas que fala. porque eu não morri, mas cheguei sem nada.

A atriz-baobá desce do trem e chega à cidade grande. Ela caminha pelas ruas da cidade sem sair do lugar. Ela sorri, exhibe seus dentes, mostra seus vários documentos. Ninguém está interessado, ninguém quer contratá-la. Notícias de jornal são projetadas e ouvidas. Vozes sobrepostas. Ela repete esse processo repetidas vezes, aumentando a velocidade a cada início. Até que ela para. Suspensão.

Senhora-Terra:

“eu vou pra São Paulo nem que seja pra morrer no caminho!” é tanta coisa forte que a gente diz, né? cê não acha?

mas como diz a dona Conceição,

a gente combinamos de não morrer.

eu gosto muito da dona Conceição. cês conhecem? e essa fala é tão poderosa..

“eles podem ter combinado de nos matar,
mas a gente combinou de não morrer”.

e combinamos se espalhar. e se multiplicar. e sair
por aí nesse mundão afora. falando, ocupando,
brigando, conquistando, fazendo.

é tanta coisa poderosa que a gente diz, né? cês não acham?

olha, cê cuide que palavra não é brincadeira
não, viu. cuida, cuida bastante.

tem que escolher as palavras a dedo, com cuidado.

as nossas palavras são antigas, elas evocam e elas são
ancestralidade. cês sabem do que eu tô falando?

Ritual.

A atriz-baobá planta ela mesma, a terra.

A terra se descobre terra. Terra-mãe, terra-mulher, terra-gente.

*A atriz-baobá funde-se com a terra, seu corpo vira planta. A
terra coroa-se Rainha da Vida e da Morte.*

A terra em felicidade, em gozo.

*A terra planta uma boneca: ela mesma. Seu cabelo, seu vestido,
seus sapatos. A terra rega sua semente e a si mesma.*

Carinho de terra.

Dorme, terra.

Descansa, Mãe.

Dramaturgia 3: “FomeTropikal”

Personagens:

Ela

Ele

O Primeiro Homem

O Segundo Homem

O Terceiro Homem

O Rádio / Madame Shimony

Câmera e plástico.

○ BANQUETE

Ela prepara uma janta. Arroz, verduras e linguiça.

Ela:

Alface.

Brócolis.

Arroz.

Linguiça.

É preciso lavar tudo isso.

Lavar, esfregar, escoar, deixar de molho. Purificar.

A água existe para isso,

para limpar,

mesmo que não se veja a sujeira,

o micróbio,

a doença,

o verme.

A carne é essencial para toda refeição.
Ela dá energia, dá força para o corpo.
Engraçado isso, né? A morte dando a vida.
O pedaço de carne morto na tábua,
seu sangue escorrendo vacilante.
Será que você tinha um nome?
Vou chamar você de Princesa.

Princesa,
sua carne é macia, mole até.
É bom lhe tocar, Princesita.

Tempero você como alguém que se perfuma para um encontro.
Pimentas, ervas, sais.
Sal é muito importante.
O sal preserva a carne, o sal saboriza,
Faz a carne perdurar pelo tempo.
O sal atrasa a morte, a podridão.
Isso é muito importante.

Princesa, sinto dó em lhe cortar em vários pedaços e jogar
nesta panela.
Pois sinto os momentos que não tivemos.
Seríamos ótimas amigas antes da sua morte,
tenho certeza.

Enquanto você se aquece, vou te ensinar outras coisas:
Observa a cor do arroz.
A brancura. O símbolo da perfeição e da pureza. Da delicadeza.
Os grãos juntos como se numa grande comunidade arrozal.
Essa era a especialidade de minha mãe, Princesa.
E na maioria das vezes a única coisa que tínhamos para comer.
Duas xícaras de arroz alimentam um dia todo.

Lavar as mãos entre uma coisa e outra.
Cuidado, cuidado com os micróbios, os vermes e as doenças.
O seu perfume é delicioso, Princesa;

Espero que a panela esteja confortável.
Não esquecer de conferir as outras coisas:
o vinho está descansando,
a toalha de mesa limpíssima.
Tudo em ordem.

Catarina arruma-se para a refeição: põe um vestido e arruma o penteado.

O vestido que mamãe me fez.
Ah, como é lindo!
Mamãe trabalhava com tecidos, Princesa.
Costurar é como uma arte.
Trabalhar com fios, juntá-los, tramá-los.
Não é pra qualquer um, minha querida.
Você gosta dessa cor?
Te agrada?

Preciso ficar bonita, Princesa.
Ao menos meu cabelo está bom.
Não vai precisar de muito esforço.
Perfume,
tinta vermelha na boca,
sapatinhos.
Gostou do conjunto, Princesa?
Te agrada?

Quase que esqueço de você, minha querida.
Não passou do ponto, graças a Deus.
Está acomodada, meu bem?
Espero que o prato esteja aconchegante.
O arroz, a alface e o brócolis te abraçam, minha querida.
Seja paciente com seus colegas.
Mas não se preocupe, Princesa,
você será degustada da mesma maneira.

Batidas na porta.

Ela:

Finalmente.

Chegou a hora, querida.

O primeiro homem:

Com licença, dona.

Posso entrar?

Ela:

Por favor, entre.

Pensei que não viria...

O primeiro homem:

Nunca recusaria um convite mais do que especial.

Isto é para você.

Ela:

Que lindas. Assim fico sem graça.

Espero que não tenha jantado ainda, pois preparei uma coisinha.

Nada de muito refinado, como deve estar acostumado.

O primeiro homem:

Isso é um verdadeiro banquete!

Ela:

Vamos, então?

Gosta de vinho?

O primeiro homem:

Eu adoro.

Posso abrir?

Ela:

Fique à vontade.
Como está? Muito ruim?

O primeiro homem:

Uma delícia.
Tudo muito bem temperado.
E a linguiça, um primor.

Ela:

Essa é ali do açougue central.
Tem um sabor único, não é?

O primeiro homem:

Espetacular.
E você, não vai comer?

Ela:

...

A ÓPERA

Ele assiste a um número na Casa de Ópera. Ele emociona-se com o número e aplaude.

Ele:

Que coisa mais fantástica a arte.
Deus existe e se manifesta pela voz das pessoas, já dizia meu velho pai.
Obrigado meu Deus por dar-nos uma coisa tão linda de presente.
Amém.

Ramos sai da Casa de Ópera e vai para o Açougue.

Ele:

O cheiro de sangue + suor + álcool + gordura + podre dança
pelo ar
E queima meu nariz

Afia, afia, afia, afia, afia

Vai ter carne pra semana inteira.
Mandaram três bois gordos dessa vez
e nessa cidade os porcos se multiplicam rapidamente.

A vantagem com os grandes é a de que eles são menos velozes
E mais burros.

As linguiças andam de vento em popa.
O povo aprovou; uma iguaria tão especial essa, tão apetitosa.
Feita com todo o cuidado, de procedência nobre.
Caiu no gosto!
Até o Imperador já lambeu os beiços e recomendou.

Afia, afia, afia, afia, afia

Atenção:
O corte precisa ser delicado, pensado,
na posição certa,
sem fissurar a fibra

senão desvaloriza o produto. Perfurar é fácil, mas necessita precisão;
se for mão mole tem risco de perder um dedo
e criar o mar vermelho nesse chão incrustado.

carne profanada,
engasgada,
lambuzada,
mas purificada
restaurada

enobrecida
 apropriada
 glorificada
 conquistada
 adorada
 merecida

Afia, afia, afia, afia, afia

Pai nosso que estais no céu
 Santificado seja o vosso nome
 Perdoa esse pecador
 Perdoa esses monstros que nos rodeiam
 Eles merecem esse destino
 Perdoa esse homem
 Perdoa a mulher
 Abençoa essa carne
 Abençoa teu filho
 Agora e na hora de nossa morte,
 Amém

O BANQUETE, PARTE II

Ela prepara uma janta: Feijão, tomates e linguiça.

Ela:

A carne é essencial para toda refeição.
 Ela dá energia, dá força pro corpo.
 Engraçado isso, né? A morte dando a vida.

Sal é muito importante.
 O sal atrasa a morte, a podridão.
 Isso é muito importante.

Lavar as mãos entre uma coisa e outra.
Cuidado, cuidado com os micróbios, os vermes e as doenças.

Não esquecer de conferir as outras coisas:
o vinho está descansando,
a toalha de mesa limpíssima,
a linguiça Dele no centro.
Tudo em ordem.

Catarina arruma-se para a refeição: põe um vestido e arruma o penteado.

Perfume,
tinta vermelha na boca,
sapatinhos.

Princesa, você gosta dessa cor?
Te agrada?

Batidas na porta.

Ela:

Finalmente.
Chegou a hora, querida.

O segundo homem:

Com licença dona.
Isto é para você.

Ela:

Que lindo. Assim fico sem graça.
Espero que não tenha jantado ainda, pois preparei uma coisinha.
Gosta de vinho?
Fique à vontade.
Muito ruim?

O segundo homem:

Uma delícia.
Tudo muito bem temperado.
E a linguiça, um primor.

Ela:

Essa é ali do açougue central.
Tem um sabor único, não é?

O segundo homem:

Espetacular.
E você, não vai comer?

Ela:

Hoje vou ficar só no vinho.
Por favor, não faça desfeita, fiz tudo com muito carinho.

O segundo homem:

Longe de mim.
É bom ter um agrado desses depois de um dia cheio.

Ela:

Não consigo nem imaginar.
Esse assunto de negócios parece muito complicado.
Fico tonta só de pensar.
A casa nunca me deu trabalho, sabe?

O segundo homem:

Logo vejo. Tudo é muito bem organizado por aqui. Mas você poderia ter mais, não concorda?
Afinal, que horas Ele chega?

Ela:

Hoje é dia de Ópera. Ele deve demorar, como sempre.
É um grande amante da arte, o senhor deve entender.

O segundo homem:

Com certeza. O espetáculo que está em cartaz é verdadeiramente fabuloso.

Ela:

Você sabe que nunca fui lá?

Mas meu sonho sempre foi ser uma grande artista.

De onde eu venho nasceram grandes mulheres, de vozes e corpos inesquecíveis.

O segundo homem:

Se me permite: você é a mais bela dama que conheço!

Com certeza seria aclamada se virasse artista.

Sua voz acaricia meus ouvidos, como uma sereia que canta pelo oceano.

Ela:

Assim fico sem graça.

Pare.

Termine de comer.

O segundo homem:

E a senhora não pensa em viajar por outros lugares?

Ganhar vestidos importados?

Frequentar as mais caras festas?

Ela:

Pensar, com certeza penso.

Mas não me sinto digna, merecedora.

Nunca tive muito dinheiro, nem muita oportunidade.

A vida lá sempre foi sofrida. Aqui parece ser um lugar melhor.

O segundo homem:

Eu adoraria paparicá-la, amá-la, fazê-la uma verdadeira Rainha. Te amaria todos os dias, gritaria seu nome pelos quatro cantos. Confesso: meu sonho é tê-la, desde o primeiro dia em que a vi. Juro.

Ela:

Suas palavras são tão doces, me sinto em transe. Gostaria de experimentar essa vida, mas sinto medo. Você sabe. Não posso. Tenho um compromisso firmado.

O segundo homem:

Fuja comigo. Fuja, dona Catarina. Ele nunca nos encontrará, eu prometo. Diga que me quer e eu farei tudo por você.

Ela:

Tudo? Tudo mesmo?
Não sei se consigo.

O segundo homem:

Tudo. Minha vida seria movida para saciar seus desejos. Vou te mostrar tudo o que um homem pode fazer, até o impossível.

Ela:

Nunca ouvi alguém dizer palavras tão bonitas. Já está satisfeito?

O segundo homem:

Ainda não.

Ela:

Então me acompanhe.

Catarina e o segundo homem entram num quarto.

Ela:

Eu quero que você prometa uma coisa.

O segundo homem:

Fale, fale. Eu farei qualquer coisa que você me pedir.

Ela:

Fale mais baixo.

Algo acerta a cabeça do segundo homem, que cambaleia pelo quarto tentando recuperar-se. Ela permanece imóvel.

A ÓPERA, PARTE II

Ele assiste a um número na Casa de Ópera. Ele emociona-se com o número e aplaude.

Ele:

Que coisa mais fantástica a arte.

Obrigado meu Deus por dar-nos uma coisa tão linda de presente.

Amém.

Ramos sai da Casa de Ópera e vai para o Açougue.

Rádio:

E estamos começando mais um NOTÍCIAS DA HORA!

Época dourada: a exportação de carne está virando um dos negócios mais lucrativos na região de...

Ele:

Afia, afia, afia, afia, afia

Mandaram três bois gordos dessa vez,
nessa cidade os porcos se multiplicam rapidamente.

As linguiças andam de vento em popa.

Caiu no gosto!

Até o Imperador já lambeu os beiços e recomendou.

Atenção:

O corte precisa ser delicado, pensado,
sem fissurar a fibra
senão desvaloriza o produto.

carne

profanada,

lambuzada,

restaurada

apropriada

glorificada

adorada

Rádio:

A previsão é de uma grande virada no clima. Mesmo com uma massa de ar polar vinda do sul, os dias devem ser de bastante calor e sol de rachar!

Ele:

Afia, afia, afia, afia, afia

Pai nosso que estais no céu

Perdoa esse pecador

Eles merecem esse destino

Perdoa a mulher

Abençoa teu filho

Agora e na hora de nossa morte.

Rádio:

Numa entrevista na última semana, o governador chamou atenção por apresentar sintomas de uma doença ainda não identificada. Segundo informações, essa doença atinge principalmente o tecido epidérmico e corrói as camadas internas, provocando erupções, bolhas e entupimentos de vasos sanguíneos. A transmissão parece se dar pelo ar e o governador está internado na Santa Casa, em isolamento total.

Ele:

Disfarçar, renovar, enganar o ar.

O cheiro da morte aos poucos aumenta; o frio não é suficiente para retardá-lo.

Escuro perfumado. Os restos Deles amontoados num canto, como comida de cachorro.

Menino! Onde está você? Aqui, vem! Aqui!

Ramos abre o saco de Restos e vomita.

Rádio:

E agora vamos com as notícias de última hora:

Dois comerciantes vindos do Norte estão desaparecidos. Ambos vieram a negócio para nossa cidade.

Ele:

Menino! Venha, venha aqui! Venha com o seu papai.

Separei algumas partes só para você.

A barriga vai ficar cheia. A barriga incha por comida, por sustância.

Anda! Não tenho todo o tempo do mundo.

Preciso me livrar dessa lambança ainda hoje.

O mundo caberá numa madrugada. A limpeza se dá quando todos não estão olhando.

Rádio:

...testemunhas afirmam terem visto um dos homens conversando com uma mulher estrangeira no dia de seu desaparecimento. A polícia local ainda não quis se pronunciar sobre o caso, mas afirma estar investigando os acontecimentos.

Ele:

As águias estão atrás de nós, Menino. Elas nos espreitam ainda mais do que antes. Poderá o homem enganar a sua ameaça mais mortal?

Poderá o homem tornar-se a própria Morte?

Menino, eles não dão a mínima para nós. Não veem o que acontece debaixo de seus queixos.

E quando se dão conta, estão em cima de uma bandeja, prestes a serem devorados por bestas.

Rádio:

E para encerrar, vamos agora ouvir as dicas de amor para a semana, pensadas por nossa queridíssima Madame Shimony.

Ramos encontra o cachorro Menino, que destrói com mordidas um sapato velho.

Ele:

Finalmente te achei, seu safado fujão.

Hora do jantar, você deve estar com fome.

Ramos despeja os Restos na enorme tigela reservada ao Menino, que estraçalha ossos, carne e órgãos freneticamente.

Rádio/Madame Shimony:

Olá, meus queridos! Espero que estejam todos vivendo com muito amor e levando a vida com leveza, mesmo nesses tempos tão sombrios. A dica de hoje vai para aquela pessoa que está se sentindo sozinha, abandonada, morrendo de saudades de

alguém que ela magoou, ou deixou seguir em frente, ou qualquer outra razão que não vem ao caso. Escute a Madame Shimony: acenda uma vela e faça uma reza de 14 dias, dizendo o nome da pessoa amada e batendo nove palmas suavemente. Mentalize tudo aquilo de bom que vem quando você pensa nessa pessoa tão querida, tão desejada.

A ÓPERA DOS BANQUETES

Ela prepara uma janta especial. Pão com linguiça.

Ela:

A carne é essencial para toda refeição.
Engraçado isso, né? A morte dando a vida.
O sal atrasa a morte, a podridão.
Isso é muito importante.

Lavar as mãos entre uma coisa e outra.
Não esquecer de conferir as outras coisas:
o vinho está descansando,
a linguiça Dele no centro.
Tudo em ordem.

Ele assiste a um número na Casa de Ópera. Ele emociona-se com o número e aplaude.

Ele:

Que coisa mais fantástica a arte.
Obrigado meu Deus por dar-nos uma coisa tão linda de presente.

Afia, afia, afia, afia, afia

Mandaram três bois gordos dessa vez,
nessa cidade os porcos se multiplicam rapidamente.

Caiu no gosto!

O corte precisa ser delicado,
pensado, senão desvaloriza o produto.
carne profanada,
lambuzada,
apropriada
glorificada

Ela arruma-se para a refeição: põe um vestido e arruma o penteado.

Ela:

Princesa, você gosta dessa cor?
Te agrada?

Batidas na porta.

Ela:

Chegou a hora, querida.

O terceiro homem:

Isto é para você.

Ela:

Que lindo. Assim fico sem graça.
Gosta de vinho?
Fique à vontade.

O terceiro homem:

Uma delícia.
A linguiça, um primor.

Ela:

Essa é ali do açougue central.

O terceiro homem:

E você, não vai comer?

Ela:

Hoje vou ficar só no vinho.

Por favor, não faça desfeita, fiz tudo com muito carinho.

Ele abre o saco de Restos e vomita.

Ele:

Disfarçar, renovar, enganar o ar.

O cheiro da morte aos poucos aumenta; o frio não é suficiente para retardá-lo.

Escuro perfumado. Os restos Deles amontoados num canto, como comida de cachorro.

Menino! Onde está você? Aqui, vem! Aqui!

Ela:

A previsão é de uma grande virada no clima. Mesmo com uma massa de ar polar vinda do sul, os dias devem ser de bastante calor e sol de rachar!

O terceiro homem:

É bom ter um agrado desses depois de um dia cheio.

Ela:

Esse assunto de negócios parece muito complicado.

Fico tonta só de pensar.

A casa nunca me deu trabalho, sabe?

O terceiro homem:

Mas você poderia ter mais, não concorda?

Afinal, que horas Ele chega?

Ela:

Hoje é dia de Ópera. Ele deve demorar, como sempre.

O terceiro homem:

O espetáculo que está em cartaz é verdadeiramente fabuloso.

Ele queima documentos, limpa um machado.

Rádio:

E agora vamos com as notícias de última hora:

Dois comerciantes vindos do Norte estão desaparecidos. Ambos vieram a negócio para nossa cidade.

Ele:

A barriga vai ficar cheia. A barriga incha por comida, por sustância. Preciso me livrar dessa lambança ainda hoje.

O mundo caberá numa madrugada. A limpeza se dá quando todos não estão olhando.

As águias estão atrás de nós. Elas nos espreitam ainda mais do que antes.

Poderá o homem enganar a sua ameaça mais mortal?

Eles não dão a mínima para nós. Não veem o que acontece debaixo de seus queixos.

Ela:

Você sabe que nunca fui lá?

De onde eu venho nasceram grandes mulheres, de vozes e corpos inesquecíveis.

O terceiro homem:

Com certeza seria aclamada se virasse artista.

Sua voz acaricia meus ouvidos, como uma sereia que canta pelo oceano.

Ela:

Pare.

Termine de comer.

O terceiro homem:

E a senhora não pensa em viajar por outros lugares?

Frequentar as mais caras festas?

Ela:

Pensar, com certeza penso.

Nunca tive muito dinheiro, nem muita oportunidade.

O terceiro homem:

Eu adoraria paparicá-la, amá-la, fazê-la uma verdadeira Rainha.

Confesso: meu sonho é tê-la, desde o primeiro dia em que a vi. Juro.

Ele:

E quando se dão conta, estão em cima de uma bandeja, prestes a serem devorados por bestas.

Tudo pronto. Afiado. Ensacado. Hora de partir. Deus nos abençoe.

Ela:

Suas palavras são tão doces, me sinto em transe.

Você sabe. Não posso. Tenho um compromisso firmado.

O terceiro homem:

Fuja comigo. Fuja, dona Catarina.

Diga que me quer e eu farei tudo por você.

Ela:

Tudo? Tudo mesmo?

O segundo homem:

Tudo. Minha vida seria movida para saciar seus desejos.

Ela:

Já está satisfeito?

O segundo homem:

Ainda não.

Ela:

Então me acompanhe.

Ela e o terceiro homem entram num quarto.

Ele:

Menino, não faça muita bagunça. Eu vou, mas volto rápido. Não vai dar nem tempo de sentir saudade.

Ele sai assobiando pelas ruas. Ela e o terceiro homem agarraram-se, tiram suas roupas freneticamente.

Ela:

Eu quero que você prometa uma coisa. Fale mais baixo. Prometa que não vai gritar nem falar alto. Ninguém pode ouvir.

O terceiro homem:

Eu prometo. Prometo com a minha vida, dona Catarina.

Rádio:

E para encerrar, vamos agora ouvir as dicas de amor para a semana, pensadas por nossa queridíssima Madame Shimony.

Algo acerta a cabeça do segundo homem, que cambaleia pelo quarto tentando recuperar-se. Ela imóvel.

O terceiro homem:

O que foi isso?

Ele tá aqui? Você disse que ele ia demorar. Me ajuda, não deixa ele me matar. Socorro!

Rádio/Madame Shimony:

A dica de hoje vai para aquela pessoa que está se sentindo sozinha, abandonada, morrendo de saudades de alguém.

Ele:

Espero que tenha aproveitado a linguiça, senhor. Tenho um amigo aqui faminto.

O terceiro homem:

Não, por favor, eu, eu estava só querendo conversar. A sua esposa foi tão gentil. Desculpe, eu nem devia estar aqui agora. O senhor deve saber, sou casado, preciso voltar pra casa, minha mulher precisa de mim, por favor!

Rádio/Madame Shimony:

Acenda uma vela e faça uma reza de 14 dias, dizendo o nome da pessoa amada e batendo nove palmas suavemente.

Mentalize tudo aquilo de bom que vem quando você pensa nessa pessoa tão querida, tão desejada.

Os dois entram numa luta corporal. O terceiro homem, mesmo cambaleante, consegue acertar o rosto d'Ele com socos, porém não o suficiente para impedi-lo. Ela imóvel. Ele derruba o homem, que rasteja pela casa tentando gritar ou achar uma saída próxima.

O terceiro homem:

Socorro! Alguém me ajude! Socorro! Ele vai me matar, ele vai me matar! Não faça isso, eu não fiz nada. Foi ela, foi sua mulher

quem me seduziu. Me desculpe, eu vou embora e não falo para ninguém. Eu prometo!

Ele:

Muito tentador.

É uma pena, mas eu tenho bocas para alimentar.

O machado é levantado e desce vacilante contra o pescoço do terceiro homem. A cabeça é separada do corpo, o sangue jorra para todos os lados. Ela continua imóvel.

Ele:

Pai nosso que estais no céu

Santificado seja o vosso nome

Perdoa esse pecador

Perdoa esses monstros que nos rodeiam

Eles merecem esse destino

Perdoa esse homem

Perdoa a mulher

Abençoa essa carne

Abençoa teu filho

Agora e na hora de nossa morte,

Amém.

Ele arrasta o corpo-sem-cabeça do terceiro homem até o porão da casa. Lá, ele começa a cortar as partes do corpo e ensacar uma a uma para levar ao Açougue. A cabeça do homem fica aos pés d'Ela, cercada por rios de sangue e outros fluidos.

Catarina:

É preciso lavar tudo isso.

Lavar, esfregar, escoar, deixar de molho. Purificar.

A água existe para isso,

para limpar, restaurar, reformar,

mesmo que não se veja a sujeira,

o micróbio,
a doença,
o verme.

Fica impregnado mesmo assim.

E vermelho é uma cor que custa a sair das coisas.

Se a gente não limpa direito, fica marca, fica misturado com o que era para estar limpo.

Ela ergue a cabeça do terceiro homem e coloca-a em cima de uma bandeja. Ela vai até a cozinha. Ela começa a esquentar água, vinagre e sabão para purificar o lugar.

Dramaturgia 4: "Maldito Seja Canaã"

Personagens:

Canaã / Cauã

Deus-Poodle

Beatriz

A Mulher das Laranjas

O Menino Do Elevador

A-23

C-59

O Homem Guarda-Chuva

A Mulher Que Ergue Uma Camisa Manchada

Repórter

I. Gênese

Uma transmissão intergaláctica e atemporal se inicia.

Deus-Poodle:

Regozijai, ó senhores filhos do fado!

A vocês destina-se o reino dos trópicos,
e tudo aquilo que merecem da herança.

Ante mares navegaram pelo mais lascivo aroma,
percorreram milhas onde morava a Morte,
mirou-se os olhos da Beira;

nem por isso o Medo encontrou morada.

Esconderam-se do vingativo Sol quando necessário,
ceifaram línguas para autossobrevivência;
de tudo isso foi mostrado à própria verdade.

E mesmo quando achavam que tudo estaria perdido,
 a boreal sinfonia adentrou-lhes os ouvidos,
 difundindo a palavra como verdadeira salvação.
 Regozijai, ó senhores da luz!
 Molda-se o espelho, congela-se as ampulhetas;
 Goza-se vermelho, arrotta-se pães de ló;
 Não mais aqui os corvos fazem ninhos.
 Já não existem mais.
 Exterminaram-se.
 Exterminamos-lhes.
 Já não há querência.
 Regozijai, ó senhores de Peró!

Um homem está sentado de frente para a televisão, assistindo o que passa. Ele toma um fardo de cervejas enquanto assiste ao desenho do Deus-Poodle. Ele não esboça nenhum sentimento; o silêncio é a única coisa que ouvimos dele. Ele tenta encontrar algum outro programa mais interessante, mas nenhum outro canal está pegando. A tela cinza predomina. Ele levanta do sofá e começa a escrever num grande quadro negro.

Canaã:

tem gente que tem a cabeça cheia de merda, mas a minha não é. tenho tudo aqui dentro, todos os nomes, todos as caras, tudo gravado nesta minha cabeça. eu queria contar que lembrei ontem de uma coisa, será causo, será história pra boi dormir, fake news da pesada, #chega, tu tá metido com fofoca, é? cala boca, deixa eu falar, ué, fala, tu não tem boca? abre o bico! tá, então eu vou dizer. eu não vou dizer, eu vou gritar, todo mundo vai ter que me ouvir. tá, então, teve um cara, mais parecia um porco, cheio da bufunfa pra dar e vender, que veio morar no litoral, queimar aquela pele branca dele, pr'aqueles lados donde ele vem não tem muita praia, eu acho deve ser muito frio se pá, lembrou da fuça do cara? aleluia! todo mundo já deve ter visto ele por aí, lembro que a cara dele ficou estampada dias e dias e dias nos jornais, sim, aí me contaram que ele se interessou por aqui, por

esses lados, por essa vegetação, tá ligado? aprendeu português e tudo, falava todo enrolado, parecia um bobão débil mental, tanto que um dia, pegaram um facão e enfiaram no bucho dele, saiu as tripa e tudo pra fora, não deu outra, né, morreu na hora e o assassino, dizem, doido que era, colocou ele no carro, era um carro preto, muito chique pra época, uma doideira, nunca mais ouviram falar do tal homem, mas esse caso pipocava de boca em boca, dizem que era por causa de que ele era rico e bem apessoado. tá, mas então é isso o que eu queria contar, espero que vcs tenham conseguido entender.

Um alarme começa a soar. São 7h39. Canaã tenta lembrar seu nome. Seu nome é Canaã. Canaã é um nome bíblico. Ele não acredita na bíblia nem em nenhum Deus. Canaã deixa isso de lado. Ele liga o chuveiro e toma banho.

Canaã:

só agora que me liguei que não paguei a conta do gás, puts, água gelada é fogo, principalmente de manhã. minha gengiva tá cada vez mais molenga, quase uma geleca, talvez esse seja o motivo de eu ter bafo. todo mundo tem bafo, tem gente que gosta quando um cara fuma seu cigarro e fica com o maior bafo sabor veneno de rato. mas é natural o bafo, coisa natural do ser humano, não é? ok, se fosse só o bafo tava bom, mas a minha gengiva tá muito mole, eu não consigo mais falar sem o sangue cair da minha boca. não consigo mais escovar os dentes sem a escova voltar marrom da minha boca. meu sangue tá cada vez mais vermelho, eu devo estar com algum problema de circulação. quanto que custa um coisinha desses de vitamina? vai ao médico vai ao médico não vou, lá eu não vou pisar nunca mais, uma vez já tá bom e pronto, às vezes paro e penso, quero desistir, vou desistir, vou vender tudo, comprar uma passagem só de ida pro caribe, ah que lindo o caribe, caribe é massa, quem nunca quis ir pro caribe, né. quantos países formam o caribe? não sei, só lembro de Cancun, Cancun será Cancun, certeza?

cancun parece nome de doença mas as fotos são lindas, areia mar sol piña colada que delícia, quero.

Ele sai do banho, veste uma nova roupa. Ele sai de seu apartamento. Ele entra no elevador. Ao chegar no térreo, Canaã percebe um Menino entrar sozinho dentro do elevador e apertar o nono andar. Canaã e o Menino se encaram até que o elevador se feche.

O Menino Do Elevador:

Tá vindo o dilúvio, seu moço.

O elevador se fecha. Canaã em transe. O barulho de uma sirene faz com que ele desperte novamente para a realidade. Ele caminha em direção ao seu trabalho. Aos poucos, muitas viaturas da polícia e ambulâncias podem ser ouvidas no sentido contrário ao de Canaã.

Canaã:

não parece que vai chover, olha o brilho desse sol, não fica nublado há dias. o moleque deve estar fantasiando, só pode, é o que acontece com quem assiste um Poodle falante pela tv todo dia. putz, não trouxe nem uma banana, minha barriga vai apresentar sua sinfonia de sons graves o dia todo. lá na biblioteca a gente fica só na base do café e suas variações: com leite, sem leite, com açúcar, sem açúcar, com adoçante, sem, e *last but not least* o aguado. o dia todo todo dia no cafezinho, pense, é a festa da azia, né. de vez em quando uma das secretárias traz uma bolachinha água e sal ou aquelas Maria, sabe? Dá um balanceio gostoso no estômago, a gente até que fica mais alegre.

Uma mulher branca, bem vestida, vem a toda velocidade, como se estivesse fugindo e esbarra com Canaã na rua. A sacola cheia de laranjas que ela trazia em suas mãos se arreventa, espalhando as frutas pelo chão.

A Mulher das Laranjas

Desculpe, preciso chegar lá... Enviaram meus ingressos em cima da hora, acredita? Desculpe, preciso ir.

Ela se recompõe, limpa suas mãos, lamenta rapidamente e põe-se a correr mais uma vez, desaparecendo em seguida. Canaã apanha algumas laranjas, guarda-as em sua mochila e começa a chupar uma delas.

Canaã:

aprendi a comer fruta com casca desde cedo, tem gente que fala que é amargo mas eu amo assim, adoro uma coisa bem ácida, coisa que incomoda. quando eu era criança, a gente subia na laranjeira catar laranja, eu era muito tanso, nunca conseguia subir sem ajuda, precisavam me ajudar uma duas três vezes, pra descer então, pense só, uma tragédia, era joelho sangrando, braço ralado, testa suja. criança sendo criança, né, mas o marido de mamãe gritava, só sabia gritar, falava que a gente parecia bicho do mato, coisa selvagem, quando se pendurava nas árvores eu mandava ele enfiar tudo aquilo no cu, ele pegava a coisa mais próxima e atirava em mim, era chinelo, vara, pente, ferro, vaso, vidro, bala, cadeira, faca, tijolo, panela, cigarro, sapato, pá. muitas vezes eu desviava, mas quando pegava cê não imagina a dor, né meu irmão, só quem sentiu dor é que sabe. foi por isso que eu fiz aquilo, não sei se eu já contei, é bom eu não falar alto pq tô achando que tem gente me seguindo faz uns dias já, fiz, eu fiz, aquilo pra me vingar, pra salvar mamãe, eu tive a coragem, eu sou aquilo tudo que ele falava eu sou. mas tô tentando não ser.

Uma galinha anda livremente pela rua. Duas figuras surgem e iniciam uma caçada, tentando capturá-la. A galinha consegue mantê-los ocupados por um tempo. As duas figuras parecem ser viajantes do espaço, vindos de um futuro distópico (porém bastante provável).

C-59:

Que coisa mais ridícula a qual estamos submetidos.

A-23:

Tudo culpa dela. Ninguém mandou querer mais do que a boca pede.

C-59:

Veja lá como fala. Acho até engraçado, você sempre foi o mais certinho.

A-23:

Crer demais cansa; é tanto trabalho pra nenhum retorno.

C-59:

Fala mais baixo que é capaz de'le escutar tudo.

A-23:

De que vale uma galinha? Não seria melhor uma ovelha?

C-59:

Ovelhas já não colam mais, saíram de moda faz tempo.

A-23:

Assim como as maçãs.

C-59:

Você adora desconversar, né?

A-23:

Só estou dizendo a verdade.

C-59:

A culpa não é minha, ok?

A-23 consegue capturar a galinha, segurando com seu joelho o pescoço dela. A galinha começa a se debater.

A-23:

Uma vez entregue, teremos nossa glória novamente.

C-59:

É só isso que você quer? Acha mesmo que ele fará tudo o que prometeu?

A-23:

Pare de profanar suas palavras ao insultá-lo.

C-59:

Você estava fazendo isso agora mesmo.

A-23:

Cale sua boca. Eu só tive uma crise. Foi rápido. Já estou bem.

C-59:

Podemos enganá-lo.

A-23:

Você é estúpido.

C-59:

Ela será nossa moeda de troca.

A-23:

Ele nunca vai cair numa coisa dessas.

C-59:

Tudo mudou. Dizem que Ele não é mais o mesmo.

Inicia-se uma transmissão intergaláctica e atemporal. O Deus-Poodle é novamente projetado na televisão.

Deus-Poodle:

Entregai-vos o que lhes foi ordenado,
pelo bem de sua herança e de seu nascimento.
Afastai-vos dos maus pensamentos e das ações beligerantes.
Se procederes bem, não é certo que serás aceito?
Fazais tudo conforme ordenado;
a vocês pertence a minha compaixão.

A-23:

Meu senhor, sabes do meu empenho e da minha obstinação quanto à missão designada. Devo informá-lo que infiéis planejam a sua queda.

Deus-Poodle:

Ó meu sofrido filho, quem poderia cometer algo tão terrível contra mim?

A-23:

Está justamente em sua frente. Meu irmão, C-59, reproduz mirabolantes planos contra a nossa fé.

Deus-Poodle:

Que fizeste?

C-59:

Ele mente, meu senhor. Não acredite em nada do que vem dele. Ele é o mais traiçoeiro dos humanos. Ele tem em sua face as presas da serpente!

Deus-Poodle:

Maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue.

A transmissão sofre interferências de hackers. O Deus-Poodle some. A rede de conexão cai por completo. C-59 perfura o corpo de seu irmão A-23 violentamente e foge com a Galinha em suas mãos. A-23 agoniza no chão aos poucos enquanto sua vida se esvai. Helicópteros e repórteres cercam a figura ensanguentada. Marcha fúnebre. Comoção nacional.

II. SALMOS

Canaã desperta de sua pose-de-museu. Ainda vemos a imprensa, os serviços de emergência e as pessoas ao redor comovidas com a morte de A-23. Ele segue sua jornada em rumo ao seu trabalho.

Canaã:

dor na cabeça aqui ó, deve ser culpa do álcool, álcool 70 vodka pura ou com energético? energético não, me dá ansia solta o estômago no outro dia já viu, ninguém mandou beber uma latinha seguida da outra sem parar chega para é isso que dá, vou rezar reza ajuda né pra não ter cirrose Deus me livre cirrose imagina não poder beber?

Repórter:

Uma morte brutal no centro da cidade. O povo não aguenta mais tanta violência.

Canaã:

comoção concessão confusão corrupção criação cremação captação conversação eles filmam filmam tudo a gente virou quadro pintura viva mas não é coisa do da vinci da vinci existiu será eu aprendi que sim eles disseram que da vinci era um gênio um gênio eu matei o gênio eu mastiguei o gênio eu engoli eu vomitei eu cuspi o gênio faltou tempero passou do ponto.

O Homem Guarda-Chuva:

Semana passada jogaram uma pedra na minha cabeça e agora ela tá alojada aqui dentro. Ela tá vivendo na minha cabeça. Ela gosta daqui. Ela quer ficar.

Canaã:

a maldição ele conjurou ela ele não, eles é eles e com E maiúsculo, eles gostam de contar história eles sabem usar as palavras eles fizeram o mundo um mundo de cristais e eles estão estourando todos eles nesse exato momento, eu não quero mais viver aqui eu não sou daqui eu já nasci e morri mil vezes eu já não aguento mais me socorre corre aqui eu preciso de ajuda eu não tenho redenção eu não acredito em redenção eles já tiveram redenção é fácil pra eles é só pedir desculpa e assinar um papel só isso já basta.

Repórter:

Um centro brutal na morte da cidade. A violência não aguenta mais tanto povo.

Canaã:

vocês ainda sabem sonhar eu às vezes penso que esqueci, tipo acordei um dia e esqueci nunca mais sonhei quero dizer eu lembro de alguns sonhos que tive faz muito tempo hoje sonhar não é mais possível vocês ainda sabem o que é sonhar eu compro sonhos quero dizer se eu tivesse dinheiro eu comprava vocês me venderiam eu queria ouvir um sonho alguém pode contar pra mim eu imploro por favor eu esqueci o que é sonhar eu preciso lembrar me mostra o seu sonho me mostra?

O Homem Guarda-Chuva:

Não, eu não quero tirar ela daqui. A senhora que me perdoe, eu preciso ir embora, tenho que encontrar a minha esposa. Ela trabalhou muito, eu é que faço a janta hoje, sabe? A senhora que me desculpe, eu preciso ir encontrar, amar, cozinhar, tá bem? Até mais ver.

Repórter:

Uma cidade brutal no povo da violência. A morte não aguenta mais tanto centro.

As figuras dos serviços de emergência, da imprensa e do povo em geral entram numa espécie de transe. Elas calçam diferentes sapatos: botas vermelho-sangue, galochas cinza com laranja, tênis que piscam, sapatilhas escuras, saltos altos brilhosos, rasteirinhas marrons. Elas formam uma fila indiana. Elas tiram seus sapatos. Elas iniciam uma espécie de cortejo dos sem-sapato, como que um protesto.

A Mulher Que Ergue Uma Camisa Manchada:

A menina, uma menina. Ela é pequena, pequenininha. Os cabelos dela são tudo cacheadinho. Ela tá com a mochila nas costas, é rosa, é rosa a mochila. Por favor, alguém viu ela? Você viu?

Canaã:

_____, cujo nome oficial institucional é _____, patrimônio bibliográfico e documental, considerada pela _____ uma das _____ do mundo e uma das maiores da _____ . Entre suas várias responsabilidades incluem-se de preservar, atualizar e divulgar uma coleção com mais de _____ peças, que teve início com chegada da _____. Entre os objetos que deveriam acompanhar a _____ em sua viagem para o _____ estavam caixotes, livros, documentos, _____ com um acervo com cerca de _____ peças. Na pressa, ficaram abandonados no porto, só em _____ começaram ser transferidos para _____. Até _____, apenas estudiosos podiam consultar a biblioteca, e mesmo assim, mediante autorização régia. Depois dessa data, o acesso foi liberado ao público.

A Mulher Que Ergue Uma Camisa Manchada:

Eu tô procurando a minha filha. Ela tá vestida assim, fantasiada, como aquela guerreira da televisão, sabe? Ela é um amor, eu tô procurando ela. Eu já tô bastante preocupada, alguém viu ela? Por favor, alguém viu ela? Você viu?

Canaã:

o que me vem à cabeça você quer sinceramente saber? você pergunta essas coisas como se fosse fácil responder e sabe deixa eu te contar nunca foi fácil eu às vezes quase sempre não sei responder me faltam palavras na boca não sei juntar sujeito verbo e predicado a minha língua não é essa não foi essa que eu escolhi eu quero trocar posso posso fala que sim eu posso sim eu quero trocar eu não escolhi isso não é culpa minha eu não sou isso que vocês inventaram cara.

A Mulher Que Ergue Uma Camisa Manchada:

Eu deixei ela na esquina da escola. Ela tá aprendendo a ler, não sei se ela vai conseguir voltar pra casa, ela não sabe andar sozinha, ela não sabe o endereço. Por favor, alguém viu ela? Você viu?

Canaã:

e é e na e vê vê na nap nave é pré é siso nave é siso siso é pré é prega é preciso é ciso siso nave na é na nave é siso navega siso navega é é preciso é é navegar é preciso é é.

O cortejo de dissipa e some. Uma gigantesca nuvem cinza-escuro põe-se em cima de Canaã, dando início a uma tempestade. Ele tira de sua mochila um guarda-chuva, mas Canaã já está completamente ensopado. Vários fotógrafos vestidos como cientistas entram em cena, atirando flashes e cegando Canaã. A cena congela, parando com a tempestade. Canaã está num pedestal como que estivesse empalhado num museu. Tudo isso deve acontecer no menor tempo possível.

III. APOCALIPSE

Cauã acorda com um sobressalto. Beatriz está ao seu lado, cuidando de alguns de seus ferimentos.

Beatriz:

Finalmente! Pensei que você tava morto, cara. Toma essa água, bebe bastante. Tua cabeça só parou de sangrar agora, eles disseram pra eu ficar apertando, não muito forte, pelo menos logo resolveu.

Cauã:

O que aconteceu? Onde que a gente tá?

Beatriz:

Bem que eles disseram que você poderia ficar com algum tipo de perda de memória. Mas eles disseram que é a curto prazo, logo você vai lembrar de tudo. Vou pegar alguma coisa doce pra você pôr na boca, espera um instante.

Sirenes e viaturas podem ser ouvidas ao longe. A sala onde Cauã e Beatriz estão parece ser como um grande depósito de livros.

Cauã:

Me conta o que aconteceu. Que lugar é este?

Beatriz:

Querido, nós não fomos a lugar algum. Continuamos no nosso querido e amado trabalho. Inclusive o chefe disse que tudo vai reabrir amanhã já.

Cauã:

Chefe? Eu preciso vomitar.

Beatriz:

Aí embaixo tem um balde, pode usar à vontade.

Cauã:

Que barulho é esse lá fora? Parece final de Copa do Mundo.

Beatriz:

É quase isso. As pessoas estão se manifestando depois da morte dos caras que tentaram nos matar. Morte não, assassinato, né? Os policiais mataram eles sem pestanejar.

Cauã:

Matar a gente? Foram essas pessoas que fizeram isso comigo?

Beatriz:

Olha, tem alguém recuperando a memória!!! Sim, eles entraram aqui e começaram a atirar em todo mundo que estava estudando ou lendo ou pesquisando alguma coisa. Aí você tentou proteger a sala da exposição nova e eles espancaram você, te deram coronhada atrás de coronhada. Tudo em nome de um livro sagrado.

Cauã:

E qual o motivo de eles fazerem isso aqui?

Beatriz:

Eu não faço ideia. Por que invadir um lugar como uma biblioteca? Se eles quisessem polemizar, poderiam ter ido pro Congresso ou pra um Museu famoso.

Cauã:

Eu sonhei demais. Sonhei repetidamente que eu estava vindo pra cá. Era muito doido. Era como se eu estivesse num gigantesco looping.

Beatriz:

Mas também pudera, te bateram demais. Sinceramente, acho que eu não teria sobrevivido se fosse comigo.

Cauã:

E a exposição? Eu consegui salvá-la?

Beatriz:

Infelizmente não. Os homens vestidos de branco invadiram a sala da exposição e levaram todos os livros que estavam lá. Eu te disse que esse tal escritor era bastante polêmico... brincar com temas polêmicos pode gerar guerras.

Cauã:

Ou um ataque terrorista no seu ambiente de trabalho.

Beatriz:

A gente tá famoso, Cauã! As pessoas que estavam no museu, e fora dele filmaram tudo o que puderam. Tá todo mundo comentando e compartilhando nas redes.

Cauã:

E o caso do menino, resolveram?

Beatriz:

Você sabe a resposta. Você sabe que as pessoas querem ver só o que elas querem.

Cauã:

Droga de país. Droga de gente.

Beatriz:

Toma, eu achei essa laranja na mochila, pode comer.

Cauã:

E quando a gente vai poder sair daqui?

Beatriz:

Assim que eles descobrirem qual a mensagem por trás das máscaras de poodle que os terroristas estavam usando. E também quando eles descobrirem o real motivo de tudo isso. E também quando eles retirarem todos os mortos daqui de dentro.

Cauã:

E quando isso vai acontecer?

Beatriz:

...

Cauã:

...

FIM

Curitiba, 2025
Impresso em papel
Avena 80 gr/m²
Tipologia: Figtree



editoramaquinadeescrever.com.br

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

SINOPSE

“Nego Drama” reúne textos experimentais voltados à cena negra, discutindo narrativamente a violência do racismo estrutural brasileiro. O livro busca investigar o que seria uma escrita enegrecida que coloque como protagonista personagens e vozes negras, historicamente silenciadas e afastadas da prática teatral e da própria escrita.

O AUTOR

Carlos Alberto Mendonça Filho (Carlos Canarin) é dramaturgo, professor e crítico de artes cênicas. Doutorando em História (UFPR) e em Artes (UNESP). Sua primeira dramaturgia, “Retilíneo”, foi publicada em 2020. Pelo espetáculo, venceu o prêmio de melhor dramaturgia do 16º Festival de Teatro de Pinhais, recebeu menção honrosa do 1º Prêmio Literário Maria Firmina dos Reis e conquistou o primeiro lugar na 1ª Mostra de Textos Breves do Coletivo A Digna (SP).

[DRAMATURGIA]



Avalie o livro
neste QRcode



MINISTÉRIO DA
CULTURA

